

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. 204 P.

César Soares Jardim

Graduando do
Curso de Ciências
Sociais / UFMG

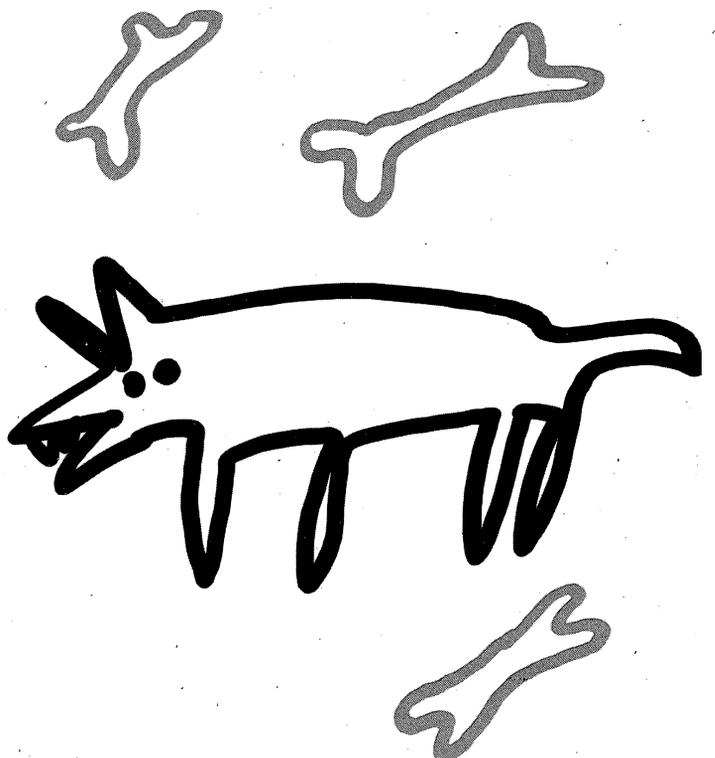
Em seu livro *Obras e vidas*, polêmica de 1988 acerca do estatuto do texto etnográfico, recentemente traduzido para o português, Clifford Geertz, antropólogo norte-americano responsável por uma das mais influentes defesas do método interpretativo nas ciências humanas e por sua constituição como um novo paradigma em antropologia, consagrado sobre a rubrica de Antropologia Interpretativa, persegue as implicações de sua proposta de se conceber a etnografia como uma espécie de texto e tratá-la como tal.

Geertz realiza um exame da etnografia enquanto texto a partir de excertos de obras específicas de Claude Lévi-Strauss, Edward Evans-Pritchard, Bronislaw Malinowski e Ruth Benedict - a cada qual dedica um capítulo do livro -, procedendo como uma espécie de crítico literário: os autores e excertos não são apenas examinados em seus próprios termos, mas também situados em relação a tradições estilísticas exteriores ao campo da antropologia.

No caso de Lévi-Strauss a obra examinada é *Tristes Trópicos*. Embora seja um livro singular em relação às demais obras "científicas" do autor, Geertz justifica a escolha argumentando ser este livro constituído por diversos livros ao mesmo tempo, e que, por fim, toda a obra "científica" de Lévi-Strauss poderia ser desdobrada

a partir dele. Em *Tristes Trópicos* haveria um livro de viagem, um texto etnográfico, um texto filosófico, um tratado reformista e uma espécie de texto literário simbolista. Geertz não hesita em situar esses aspectos do livro de Lévi-Strauss como em continuidade com tradições literárias: o aspecto "livro de viagem" de *Tristes Trópicos*, por exemplo, é vinculado à literatura francesa de viagens; o seu caráter de "tratado reformista", inspirado por uma repugnância estética em relação à vitória da vida moderna, é vinculado a Flaubert e Nietzsche, estando Lévi-Strauss, de acordo com o autor, claramente interessado em situar-se na tradição literária de Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud e Proust pelo seu modo de escrever.

Embora acione repetidamente essas vinculações entre os textos etnográficos e as tradições literárias, tanto para Lévi-Strauss quanto para os demais autores, esse não é o ponto essencial de Geertz ao tratar suas obras ao modo de um crítico literário. Se essas vinculações entre estilos e estratégias de construção dos textos etnográficos e dos textos literários existem, elas apenas nos apontam para uma outra coisa, essa sim essencial à proposta de Geertz: a investigação de como os autores obtêm seus efeitos através de seus textos. Se há semelhanças entre a escrita de Ruth Benedict em *O*



crisântemo e a espada e as *Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift ou *Cartas persas* de Montesquieu, elas referem-se à presença, em todas essas obras, de um modo semelhante de se obter um mesmo tipo de efeito, no caso específico, ao modo de se promover uma crítica social e um apelo moral a partir de uma "nativização de si mesmo".

E, para Geertz, o caráter persuasivo das etnografias - ou antes, daquelas que conseguem tê-lo - é garantido pela suas capacidades de obterem um tipo específico de efeito: o convencimento de que os textos são os resultados de os etnógrafos terem realmente "estado lá", ou seja, penetrado realmente numa outra forma de vida, não necessariamente através de uma experiência de campo. Selecionando quatro autores fundamentais - e persuasivos - em antropologia, uma vez que suas obras persistem como paradigmáticas, mesmo nos casos em que elas encontram-se superadas em nível teórico, Geertz envereda na análise de como cada um desses autores nos convencem de terem "estado lá" a sua própria maneira a partir de suas estratégias de construção do texto.

Analisando um trabalho de Evans-Pritchard onde este descreve suas atividades como membro de uma tropa irregular nas matas sudanesas durante as fases iniciais da Segunda Guerra Mundial, *Operations on the Akobo and Gila Rivers, 1940-1941*, Geertz identifica como característica da abordagem da exposição etnográfica do autor, estendida a suas outras obras propriamente antropológicas, sua capacidade de construir representações visualizáveis dos fenômenos culturais e de obter, a partir delas, a demonstração da adequação das estruturas aceitas da percepção social na compreensão da alteridade. Enquanto que no caso de Malinowski, Geertz, a partir da análise do diário pessoal do autor, publicado após sua morte e em grande polêmica como *Diário no Sentido Estrito da Palavra*, identifica a principal maneira do autor lidar com a tarefa de construir um texto científico a partir de uma experiência biográfica - Malinowski compromete-se com uma concepção biográfica do "estar lá", ao defender como método de trabalho de campo a observação participante e a convivência com os nativos - na projeção de duas imagens antitéticas de si mesmo - o "Cosmopolita Absoluto" e o "Investigador Completo". "Para ser uma 'testemunha ocular', um 'eustestemunho' convincente, ao que parece, primeiro é preciso tornar-se um 'eu' convincente" (GEERTZ, 2002: 106). Excepcionalmente no capítulo dedicado a Malinowski, Geertz se dedica também a examinar algumas das produções etnográficas contemporâneas em moda, como a de Vincent Crapanzano, a de Paul Rabinow e da Kevin Dwyer, demonstrando como eles não conseguem escapar do "dilema literário" herdado por Malinowski e implicado pela concepção biográfica da construção do texto etnográfico: o dilema da "descrição participante", ou seja, de como representar o processo de pesquisa no seu

produto.

A proposta sugerida por Geertz de se conceber as etnografias como uma espécie de escrita e tratá-las como tal visa à crise da escrita etnográfica, não simplesmente para aprofundá-la, conduzindo a um relativismo corrosivo e tornando a etnografia impraticável, como se objetiva aos que adotam essa posição ou posições similares, mas, ao contrário, para esboçar uma resposta apaixonada em defesa da etnografia no contexto contemporâneo de perda de confiança nas representações etnográficas.

Tanto a perda de confiança quanto a crise da escrita etnográfica são fenômenos contemporâneos e se devem a desenvolvimentos contemporâneos. Situando seu trabalho como uma tomada de posição em relação a esses fenômenos e desenvolvimentos, Geertz não deixa de refletir sobre suas genealogias. A configuração social do contexto histórico da formação da antropologia parece ter-lhe imprimido sua forma, a do encontro colonial, e com a entrada das ex-colônias na economia global e a conseqüente capacidade dos nativos ex-colonos de se representarem, o próprio direito a escrever sobre a cultura alheia foi levantado como uma questão moral. A forma do encontro colonial, impressa no encontro etnográfico, não parece mais correta, e, de qualquer forma, não é mais possível. Por outro lado, o declínio do cientificismo, no mundo acadêmico, implicou, por sua vez, "o declínio da confiança em fatos brutos, procedimentos preestabelecidos e conhecimento descontextualizado no campo das ciências humanas [...]" (op. cit.: 172). A questão moral - Isso é correto? - veio acrescentar-se a questão epistemológica - Isso é possível?

Entretanto, Geertz não se lamenta pelo que foi "perdido", e parece antes acreditar que essa suposta perda anuncia o fim de pretensões e a possibilidade de uma visão mais realista do que é a etnografia: "a representação de um tipo de vida nas categorias de outro" (op. cit.: 188), portanto uma representação necessariamente perspectiva. E uma representação cujo estatuto é necessariamente intermediário entre o discurso literário e o discurso científico. "A incerteza que aparece, em termos de assinatura, como um até que ponto e de que maneira invadir o próprio texto, aparece, em termos do discurso, como um até que ponto e de que maneira compô-lo imaginativamente" (op. cit.: 34-35).

Conceber a etnografia como ocupando essa posição não perturba Geertz, que defende, ao contrário, a necessidade de produzirmos a etnografia como uma espécie de "arte comparada", o que a faz depender tanto de sua concepção enquanto escrita quanto de sua crítica em termos literários, e enuncia a tarefa que restou disponível à antropologia no mundo contemporâneo, desmanteladas as grandes pretensões: "facultar a conversa entre linhas societárias [...]" que se tornaram progressivamente mais matizadas, mais imediatas e mais irregulares" (op. cit.: 192).